



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



O IMPACTO DA (DES)INFORMAÇÃO NA PANDEMIA DO SARS CoV-2

Gabriel Barbosa Huszcz¹, Tatiana Ribeiro de Campos Mello², Luci Mendes de Melo Bonini³

1. Estudante - curso de Medicina, e-mail: gabriel.huszcz@gmail.com;
2. Professora - UMC; e-mail: tatianar@umc.br;
3. Professora FATEC- Mogi das Cruzes, e-mail: luci.bonini@fatec.sp.gov.br.

Área de conhecimento: Saúde.

Palavras-chave: COVID-19. Fake News. Infodemia.

INTRODUÇÃO

A doença causada pelo coronavírus, COVID-19, espalhou-se rapidamente desde o primeiro caso registrado na cidade de Wuhan, na China. Junto à internet e redes sociais, o vírus possibilitou um fenômeno de amplificação de rumores, *fake news* e pânico, dificultando o controle da doença. Neste cenário, a Organização Mundial da Saúde (OMS) criou o termo “Infodemia”, delineando os perigos da desinformação no controle do COVID-19. Segundo Harari (2018, p.290), por muitos milênios, muito do que era considerado “notícia” ou “fato” nas redes sociais humanas eram narrativas sobre milagres, anjos, demônios e bruxas, e as notícias falsas eram passadas oralmente, de pessoa a pessoa. Na Idade Média, *Yersinia pestes*, a bactéria causadora da Doença pestilenta, matou milhões de europeus no período pandêmico chamado de Peste Negra. Era considerada um castigo divino, ou até mesmo causados por demônios. Famílias passaram a abandonar os entes contaminados, “Pais e mães sentiam-se enjoados em visitar e prestar ajuda aos filhos”, escreveu Giovanni Boccaccio (1313-1375) em *Decameron*, os tratamentos da doença, por sua vez envolviam a retirada das feridas ocasionadas pela peste e uso de mercúrio e arsênico. A gripe espanhola, causada pelo *Influenza vírus*, 500 anos mais tarde, causou uma epidemia que chegou a atingir o Brasil, em 1918. A epidemia forçou o fechamento de indústrias e comércios. O governo passou a distribuir medicamentos sem comprovação de eficácia, como o sulfato de quinina, medicamento a base da quina, e os jornais, passaram a fornecer receitas de cura envolvendo galinhas, ovo e limão (SANTOS et al., 2006). A organização mundial da saúde (OMS) declarou o surto do vírus SARS-CoV-2 (inicialmente conhecido como 2019-nCoV) uma grave ameaça global, que teve início em Wuhan, China no começo de dezembro de 2019. Desde então, a doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, COVID-19, “vem causando inúmeras mortes, até o dia 24 de março de 2020 eram 16,600 mortes ao redor do mundo” (HUA e SHAW et al., 2020). A OMS declarou emergência pública de saúde, no dia 31 de janeiro de 2020, e uma pandemia em 11 de março de 2020 (HUA e SHAW, 2020). Desde seu início, o COVID-19 teve grande impacto, afetando comunidades, países, em termos econômicos, sociopsicológicos, nas relações internacionais, além de um forte impacto na mídia. Grande parte das redes sociais e meios de comunicação estão voltados as informações sobre o vírus (SOUSA JÚNIOR et al., 2020). Segundo o diretor-geral da OMS Tedros Adhanom: “Nós não estamos lutando apenas contra uma epidemia, estamos lutando contra uma infodemia” (HUA e SHAW, 2020, online), termo para descrever os perigos de fenômenos de desinformação e da informação falsa durante o período de gerenciamento do surto do vírus, que podem significar, até mesmo, vida



ou morte (CINELLI et al., 2020; CASERO-RIPOLLÉS et al., 2020; PENNYCOOK; McPHETRES, 2020). Um estudo de Pennycook et al (2019) mostrou que as pessoas ociosas são mais predispostas às fake news. “Conforme esses autores, os indivíduos são passíveis de acreditar em notícias falsas quando estas vão de acordo com sua ideologia política e isso faz com que a comunicação entre as pessoas, em momentos sérios como o da atual pandemia do COVID-19, seja repleta de informações duvidosas. [...] Percebe-se ainda que, na área de saúde, a disseminação de Fake News instaura o medo e o caos entre seus receptores, trazendo problemas graves em relação à luta que os órgãos de saúde travam para conscientizar e prevenir a população de diversas patologias” (SOUSA JUNIOR et al., 2020).

OBJETIVOS

Descrever a opinião da população sobre a disseminação das fake news sobre o SARS Cov-19 nas mídias sociais e suas consequências, além de identificar e descrever crenças, dificuldades de lidar com a infodemia e exemplos de fake News no meio digital.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza exploratório-descritiva, desenvolvida por análise de bibliografia e pesquisa de opinião, de abordagem quanti-qualitativa de corte transversal. Os dados foram coletados por meio de um questionário elaborado de modo que se atingissem os objetivos da pesquisa. A coleta de dados realizou-se com base na resolução 510/2016 CEP-CONEP¹, trata-se de uma pesquisa de opinião pública sem identificação de grupo específico. A plataforma Google Forms foi utilizada para a pesquisa. A análise de dados foi feita de forma quantitativa. Os dados foram analisados, com expressão dos resultados em resposta ao questionário, sua análise e demonstração dos resultados em gráficos e em relatos dos profissionais da saúde e da população em relação ao tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

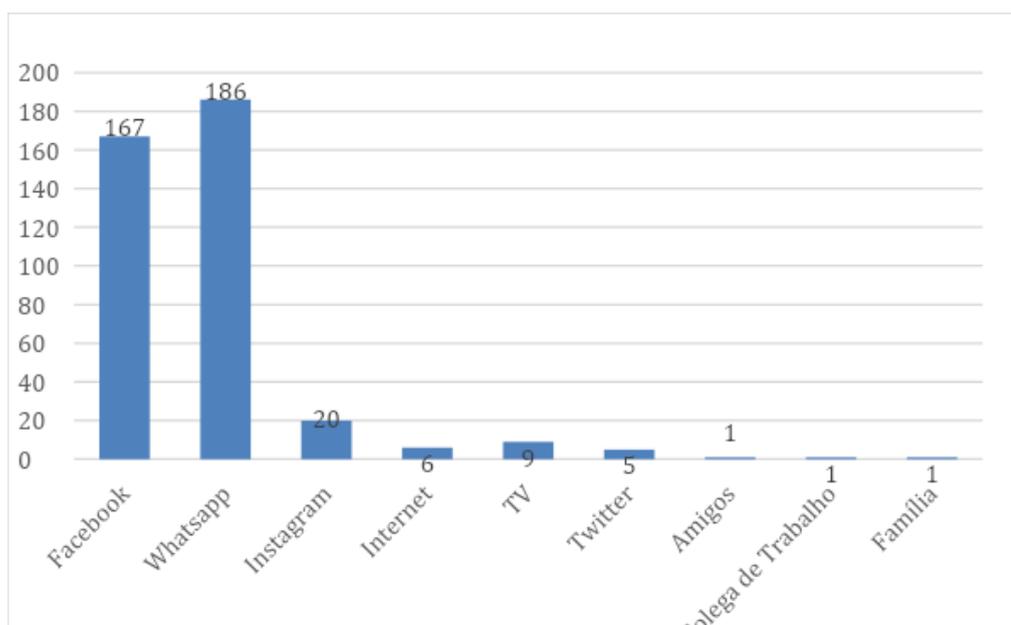
A pesquisa recebeu 206 respostas no período de 01 mês. As respostas vieram de 7 estados brasileiros (BA, PE, RJ, GO, SP, PR, SC, RS e TO) e de 3 países (Indonésia, Argentina e Inglaterra). A maioria dos participantes da pesquisa tiveram contato com as fake News durante a pandemia, 93%. Outras 186 pessoas listaram o WhatsApp a rede social onde mais receberam ou identificaram fake News, seguido do Facebook (167) e do Instagram (20). O aumento no número de notícias sobre o assunto originou diversas fake News, algumas relatadas pelos participantes envolvem o consumo de medicamentos sem comprovação científica e até mesmo na ineficácia das máscaras ou máscaras contaminadas vindas da China. A infodemia, palavra criada pela Organização Mundial da Saúde, para designar a surgiu no ambiente virtual e televisivo durante a pandemia do COVID-19, entre as diversas notícias, as falsas se mostraram muito comuns entre os entrevistados, sendo que a grande maioria alegou ter visto/ ouvido uma notícia falsa (91%). Entre as redes sociais, o WhatsApp foi onde os participantes mais receberam fake news (186 pessoas), seguido do Facebook e Instagram, como mostra a figura 1. Corroborando, com a pesquisa, um boletim recente da rede Facebook, sobre o primeiro quarto do ano, mostrou números recordes de usuários nas

¹ Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP: I – pesquisa de opinião pública com participantes não identificados (...) Res 510/2016, CONEP



suas plataformas, especialmente o WhatsApp.

Figura 1. Canais pelos quais eles afirmam ter recebido fake News



Fonte: Dados da pesquisa

Na pesquisa, 12,8% das pessoas acreditaram nas fake news nas redes e outros 16,7% não tinham certeza, quase um sexto das pessoas tomaram como correta uma informação falsa. A partir das pontuações sobre as fakes news, foi feita uma pergunta sobre onde os sujeitos buscam pela notícia correta. Grande parte dos pesquisados alegou procurar pela informação no site do ministério da saúde (saude.gov) e em sites de pesquisa (Google e Yahoo), e 3 participantes não se importam se a notícia é falsa ou não. As fake News separaram algumas visões sobre a realidade brasileira. “É crime!” ou ainda “Precisa de punição para essas pessoas”, são alguns dos argumentos que compartilham da ideia que se trata de algo muito grave e contra a lei, por um lado. Por outro lado, algumas outras opiniões abordam as dificuldades sociais e dos profissionais da saúde: “dificulta ainda mais o controle da pandemia”, “Só prejudica os profissionais que estão lutando contra essa pandemia” e “Um desserviço à sociedade e um perigo, pois tem consequências reais.”. Além disso houve um relato pessoal sobre as dificuldades de um determinado setor em lidar com a pandemia: “Como trabalho com audiovisual é bem triste lutar para entregar matérias verídicas, e o público crer menos em Fake News.”. Por outro lado, alguns participantes acreditam que as fake news são “Normais como todo caso polêmico”. É visível as diferentes ideias, sobre as fake news, para os entrevistados. Algumas das notícias falsas relatadas pelos participantes envolviam: uso de substâncias como o desinfetante e medicamentos sem comprovação científica; relatos sobre a desnecessidade das máscaras e sobre máscaras contaminadas, mostraram que, mesmo sendo um fenômeno conhecido e recorrente, as informações falsas podem trazer riscos adicionais à pandemia, como aumento no número de infectados ou problemas



secundários envolvendo uso de tratamentos cientificamente ineficazes. No período pandêmico do SARS CoV-2, as fake News usaram das redes sociais como ambiente propício para se esconder e poder se multiplicar, como um hospedeiro. Cerca de 92% das pessoas que participaram da pesquisa, tiveram contato com fake News no período da pandemia do COVID-19. Com o aumento de usuários nas plataformas da web, especialmente aplicativos da marca Facebook, e aumento no número de publicações e mensagens, o primeiro quarto do ano teve um aumento significativo das fake News na web, o que junto da pandemia, trouxe prejuízos no combate ao vírus.

CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho era identificar crenças e exemplos de Fake News no meio digital, bem como identificar a opinião da população sobre as fake News, e suas consequências. Entende-se que esses objetivos foram atingidos, já que algumas Fake News foram bastante recorrentes, como sobre o uso de medicamentos e sobre o uso das máscaras. Além disso grande parte dos entrevistados tiveram contato com as fake News durante o período de pandemia e redes sociais como o WhatsApp e Facebook, foram formas comuns de propagação de fake news entre os participantes da pesquisa, o que pode ser relacionado ao aumento no número de contaminados e de mortes no período da pesquisa. Tendo em vista tais resultados, uma maior restrição quanto o compartilhamento de notícias e de informações, além da rápida identificação e desmitificação de fake News nas redes sociais são essenciais, especialmente quanto ao Coronavírus. A pesquisa não contemplou dados específicos dos participantes, o que pode trazer informações mais precisas quanto ao contato com a infodemia e as Fake News em pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

CASERO-RIPOLLÉS, Andreu. Impact of Covid-19 on the media system. Communicative and democratic consequences of news consumption during the outbreak. **El profesional de la información**, v. 29, n. 2, e290223. 2020. <https://doi.org/10.3145/epi.2020.mar.23>

CINELLI, Matteo et al. The covid-19 social media infodemic. **ARXIV.org**. 2020. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/2003.05004.pdf?fbclid=IwAR08xVUpifbp5QKhWP3FPqu7J6oAswtPoLJIiG6plgumFfQfnVRmI5Z8Sho>>. Acesso em: 08.06.2020. 2020.

HARARI, Yuval N. 21 lições para o século 21; Tradução Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: **Companhia das letras**, 2018.

HUA, Jinling; SHAW, Rajib. Coronavirus (COVID-19) “Infodemic” and Emerging Issues through a Data Lens: The Case of China. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, 2020, v.17, 2309. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/7/2309>. Acesso em: 08.06.2020.

ONU. ONU lança iniciativa global para combater a desinformação. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-lanca-iniciativa-global-para-combater-a-desinformacao/>. Acesso em: 03 jun. de 2020.

PENNYCOOK, Gordon et al. Fighting COVID-19 Misinformation on Social Media: Experimental Evidence for a Scalable Accuracy Nudge Intervention. **OSF**. 3 de junho de 2020. Disponível em: <http://ide.mit.edu/publications/fighting-covid-19-misinformation-social-media->



REVISTA CIENTÍFICA DA UMC



experimental-evidence-scalable-accuracy

SOUSA JÚNIOR, João Henrique et al. Da desinformação ao caos: Uma análise das fake news frente à pandemia do coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de prospecção** v. 13, n. 2 COVID-19 (2020). Florianópolis: Rede NIT-NE, 2020.

WHO - The World Health Organization consultation on infodemic management framework- final recap of meeting. Disponível em: www.who.int/publications/m/item/final-recap-of-meeting . Acesso em: 06 jun. de 2020.